

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A HISTERIA DE HANA GONEN COMO REFLEXO DA SOCIEDADE
ISRAELENSE DAS DÉCADAS DE 50 -60:
Seria Hana uma Bovarista?

Alzineia Rodrigues Barreto Filha Souza

Rio de Janeiro

2019

CIP - Catalogação na Publicação

S729h Souza, Alzineia Rodrigues Barreto Filha
A histeria de Hana Gonen como reflexo da sociedade israelense das décadas de 50-60: seria Hana uma bovarista? / Alzineia Rodrigues Barreto Filha Souza. -- Rio de Janeiro, 2019.
27 f.

Orientador: Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Hebraico, 2019.

1. Oz, Amós, 1939-2018. Michael sheli - Crítica e interpretação. 2. Flaubert, Gustave, 1821-1880. Madame Bovary - Crítica e interpretação. 3. Literatura comparada . 4. Literatura e sociedade - Israel. 5. Histeria. I. Oliveira, Leopoldo Osorio Carvalho de, orient. II. Título.

ALZINEIA RODRIGUES BARRETO FILHA SOUZA

A HISTERIA DE HANA GONEN COMO REFLEXO DA SOCIEDADE
ISRAELENSE DAS DÉCADAS DE 50 -60

Seria Hana uma Bovarista?

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Hebraico.

Orientador: Professor Doutor Leopoldo Osorio Carvalho de Oliveira

Rio de Janeiro

2019

RESUMO

No Romance *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert, a personagem protagonista Emma tem seu casamento afetado por sintomas da histeria, que revelam um conflito entre o comportamento social feminino esperado na metade do século XIX e os verdadeiros desejos (principalmente sexuais) de uma mulher. Já na obra *Meu Michel* (1968) de Amós Oz, a insatisfação da personagem protagonista Hana no seu relacionamento conjugal e com o meio em que vive, parece também consequência de um sintoma histérico.

Sendo assim, o presente estudo pretende investigar, a partir do diálogo entre as duas obras e a teoria psicanalista de Freud, se a histeria em Hana, como em *Bovary*, representa o rompimento da expectativa do ideal feminino como consequência do mal-estar cultural¹.

Apesar das obras apresentarem estilo literário distintos e do distanciamento de tempo e espaço entre ambas, não existe nenhum impedimento quanto a aproximação temática proposta.

Palavras chave: Histeria; Feminilidade; Literatura Moderna Israelense

¹ Mal-Estar Cultural: o mal-estar na civilização é um texto do médico e fundador da psicanálise Sigmund Freud que discute o fato da cultura – termo que o autor iguala à civilização – produzir um mal-estar nos seres humanos, pois existe uma dicotomia entre os impulsos pulsionais e a civilização. Portanto, para o bem da civilização, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive em mal-estar.

ABSTRACT

In Gustave Flaubert's *Madame Bovary* (1857), the protagonist character Emma has her marriage affected by symptoms of hysteria, which reveal a conflict between the female social behavior expected in the mid-nineteenth century and the true (mainly sexual) desires of a woman. . Already in the work *My Michel* (1968) by Amos Oz, the dissatisfaction of the protagonist character Hana in his marital relationship and the environment in which he lives, seems to also stem from a hysterical symptom.

Thus, the present study intends to investigate, from the dialogue between the two works and Freud's psychoanalytic theory, whether the hysteria in Hana, as in *Bovary*, represents the disruption of the expectation of the female ideal as a consequence of cultural malaise.

Although the works have a distinct literal style and the distance between time and space between them, there is no impediment to the proposed thematic approach

Keywords: Hysteria; Femininity; Israeli Modern Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A HISTERIA DE EMMA E HANA COMO TEMA NA FICÇÃO DE FLAUBERT E OZ	8
CONSTITUIÇÃO PSICOSSEXUAL E GÊNESE DA HISTERIA	9
3 A HISTERIA DE EMMA E HANA COMO UM ROMPIMENTO COM OS DITAMES DA SOCIEDADE	11
4 O AUTOR E AS CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DE SUA OBRA	14
4.1 MEU MICHEL.....	14
4.1.1 Necessidade de dominação.....	15
4.1.2 Insatisfação com a condição feminina	15
4.1.3 Constante insatisfação com o outro do relacionamento.....	16
4.1.4 Relacionamento com os pais	17
4.1.5 Tia Guênia e o papel da mulher	17
4.1.6 Sintomas físicos e a crise	18
4.1.7 Consumismo.....	19
4.1.8 Sonhos	19
4.1.9. Contexto geral – político e social.....	20
4.1.10 Religião	20
4.1.11 O fim da narrativa literária.....	21
5 CONEXÃO ENTRE EMMA E HANA -ASPECTOS QUE EVIDENCIAM A HISTERIA	23
5.1 O PAI DA HISTÉRICA.....	23
5.2 DEPRESSÃO COMO CONSEQUÊNCIA DA IMPOSIÇÃO DA REALIDADE	24
5.3 O DESEJO DE POSSUIR PÊNIS.....	24
5.4 A CONSTANTE INSATISFAÇÃO COM O OUTRO DO RELACIONAMENTO	25
5.5 DESEJO DE FUNDIR-SE A UMA FIGURA SUPERIOR.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A histeria de Emma retratada no romance *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert revela muito mais do que um quadro de neurose, mas um intenso conflito entre o comportamento social feminino esperado na metade do século XIX e os reais desejos da mulher daquele período, que não somente afeta o relacionamento conjugal, como também toda sua vivência. Dessa maneira, percebe-se no romance, certa denúncia desse desajuste que atingiu diretamente a mulher européia.

Já na obra literária moderna e israelense *Meu Michel* (1968), o autor Amós Oz também retrata insatisfação conjugal vivida pela personagem central, na década de 50-60. Se considerarmos que Nobre (2012) afirma, apoiada na teoria freudiana, que a histeria é um conflito do indivíduo com a sexualidade que pode manifestar-se em qualquer lugar e época, dependendo do contexto social, tal condição da protagonista, eventualmente, apontaria para a neurose histérica.

Assim como a histeria de Emma representou o reflexo da sociedade européia na segunda metade do século XIX, o problema desencadeado nesta pesquisa é o seguinte: em que medida a suposta histeria da personagem Hana Gonen representa o reflexo da sociedade Israelense das décadas de 50-60?

O presente estudo, segundo a natureza dos dados, tem caráter qualitativo e a pesquisa é bibliográfico-explicativa.

Para expandir nossa compreensão acerca da condição psicosssexual² da personagem de Oz e obter respostas para esta questão, tomaremos como referencial teórico a teoria psicanalítica de Freud.

Nosso corpus é constituído por dois livros de ficção – *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert e *Meu Michel* (1968) de Amós Oz; o livro *Histeria – uma análise Freudiana* de Thalita Lacerda Nobre (2012), além dos textos de Freud – *Sexualidade feminina; A organização genital infantil; Cinco lições de psicanálise*.

² Psicosssexual: Para Nobre (2012, p.20) Freud propôs o conceito de psicosssexualidade, porque, em sua teoria, ele construiu o entendimento de que a formação do psiquismo é indissociável da constituição da sexualidade

No capítulo 2 faremos uma breve descrição sobre a constituição psicosexual e as principais alterações que fazem da menina³ uma candidata à histeria. Além disso, acusaremos, no capítulo 3, alguns aspectos culturais da sociedade em que Hana esta inserida. O capítulo 4 contém informações sobre a característica literária do autor de *Meu Michel* (1958) e o resumo da história de Hana, suprido com citações reveladoras sobre sua personalidade. No capítulo 5, tomaremos alguns aspectos relacionados à histeria de Emma, identificados por Nobre (2012), à luz da teoria psicanalítica de Freud, a partir das obras *Sexualidade feminina; A organização genital infantil; Cinco lições de psicanálise* e aproximaremos da personagem Hana, a fim de se obter informações mais palpáveis sobre a sua suposta histeria. E, finalmente apresentaremos as considerações finais.

³ Menina: por se tratar de duas protagonistas mulheres, faremos menção somente da histeria feminina.

2 A HISTERIA DE EMMA E HANA COMO TEMA NA FICÇÃO DE FLAUBERT E OZ.

Apesar de Flaubert e Oz terem vivido em contextos culturais diferentes e em períodos de tempo também distintos, suas principais obras apresentam personagens curiosamente congêneres – Emma e Hana são personagens protagonistas, geralmente apontadas como histéricas.

Outro fator que chama atenção é que, talvez o principal aspecto identificado nas respectivas obras, *Madame Bovary* (1857) e *Meu Michel* (1968), estão relacionados à insatisfação explícita das personagens nos seus relacionamentos conjugais. Para atender aos verdadeiros desejos frustrados no casamento, as mulheres optam por caminhos diferentes: Emma, uma burguesa inserida pelo autor na sociedade europeia da segunda metade do século XIX, é impulsionada a atender seus anseios por meio do adultério. Já a jerosolimita Hana, inserida no século XX, refugia-se em sonhos e neles sente prazer ao ter relações sexuais com homens rudes e selvagens desconhecidos. Essas deturpações, identificadas na maneira como a personagem de Oz se conduz no casamento, podem representar evidência de histeria.

A Histeria é um conceito muito antigo, que acompanha a humanidade desde IV a.C. com Hipócrates e vem sendo reformulado de acordo com as mudanças sociais. De acordo com o Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis (2004) trata-se de classe de neuroses⁴ que apresentam quadros clínicos muito variados.

Nobre (2012, p.96), considerando a teoria freudiana que defende que o fator etiológico da histeria são as distorções que ocorrem no desenvolvimento psicosssexual, afirma que estas alterações acontecem do mesmo modo nos seres humanos, “independente da cultura em que o sujeito se encontra inserido. O que se modifica são as manifestações sintomáticas apresentadas pelos sujeitos”.

Essas alterações na constituição psicosssexual produzirão posteriormente, de acordo as circunstâncias vividas na relação com o outro, distorções no comportamento da mulher que podem ser tomadas como manifestações histéricas.

⁴ Neurose: afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa. A extensão do termo neurose tem variado bastante; atualmente tende-se a reservá-lo, quando isolado, para formas clínicas que podem ser ligadas à neurose obsessiva, à histeria e à neurose fóbica. LAPLANCHE e PONTALIS (2004, p.296).

A histeria não é um transtorno exclusivamente feminino, os homens também são suscetíveis. Porém, devido algumas peculiaridades observadas na constituição psicosexual em ambos os sexos, e por se tratar de personagens que são mulheres, neste estudo faremos menção somente à histeria feminina.

CONSTITUIÇÃO PSICOSSEXUAL E GÊNESE DA HISTERIA

O desenvolvimento psicosexual é constituído por cinco etapas, que tem início a partir dos primeiros momentos da vida de uma pessoa. As alterações no desenvolvimento psicosexual nas chamadas fases oral e fálica, seriam as causas principais da neurose histérica. De acordo com o modo como são vividas estas fases, será determinado se a menina será uma candidata a histeria.

A fase oral compreende os momentos iniciais de vida e se estende até o primeiro ano de idade. Assim denominada porque determinadas estimulações orais, tais como sugar o seio, durante a amamentação chupar o dedo, produzem a sensação de prazer.

A mãe, geralmente, é quem proporciona essa primeira satisfação e como consequência, é eleita pela criança como seu primeiro objeto de prazer. Nesta fase a criança que se sentir amada e confirmada como desejada pela mãe, na condição de menina, terá oportunidade de vivenciar a fase fálica sem alterações, caso contrário a criança terá dificuldades de superá-la e sendo assim, tornar-se-á uma candidata à histeria. É também nesta etapa que a criança aprenderá também a amar, ao receber cuidados da mãe.

A fase fálica representa o terceiro estágio e é vivida entre os três e seis anos de idade. Para Freud (1908/1996) conforme citado por Nobre (2012, p.23), até esta fase a criança não distingue entre masculino e feminino e que na tentativa de entender as diferenças sexuais anatômicas elabora teorias por meio da fantasia⁵. A primeira fantasia consiste em acreditar que todos têm pênis (no caso da menina o pênis é pequeno, mas crescerá - clitóris); com o passar do tempo, como não ocorre o crescimento do clitóris há a fantasia da segunda teoria: a menina acredita que a falta do pênis é devida a castração; a terceira teoria construída é que somente as pessoas desprezíveis receberam a castração como punição.

⁵ Fantasia: roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e em última análise, de um desejo inconsciente.

A questão relacionada à castração é resultado do valor simbólico que as crianças atribuem ao falo. A posse do pênis representa portar o falo⁶ poderoso, um atributo fálico. O mundo então, para a criança, está dividido entre fálicos (poderosos) e castrados (impotentes) e conseqüentemente quem não o possui sente-se rebaixado. Nesta fase, portanto, quando a menina constata a sua própria castração, bem como a de sua mãe, sente-se inferiorizada e acontece a mudança do objeto de desejo para o pai, que até então era representado pela mãe. A menina atribuirá sentimentos hostis à mãe já que passa a tê-la como rival e também por responsabilizá-la por não ter pênis e quanto ao pai, este receberá sentimentos afetuosos pelo desejo da menina, em princípio, de ter um falo e mais adiante de ter um filho. É nesta circunstância que o complexo de Édipo está sendo vivenciado. Mais tarde, o desejo incestuoso será renunciado pelo medo de perder o amor materno e então o complexo de Édipo se dissolverá e a criança passará a investir na própria feminilidade.

No caso da menina candidata à histeria, esta, ao se sentir inferiorizada permanecerá, como já mencionado, presa a idéia de que ou se é fálico ou castrado, se aproximará do pai desejando um falo, porém não substituirá este desejo, pelo de ter um filho.

Em sua vida, porque não conseguiu superar esse pensamento, desejará possuir o atributo fálico ou então provar para os outros que o possui, buscando ser confirmada como desejada por outra pessoa, desconsiderando os limites próprios e do outro do seu relacionamento e demonstrando intolerância contra tudo aquilo que puder representar a sua castração.

⁶ Falo: para Laplanche e Pontalis (2001), em psicanálise, o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo “pênis” é, sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica. (...) O uso deste termo na Antiguidade designava a representação figurada, pintada, esculpida etc. “Nessa época longínqua, o falo em ereção simbolizava o poder soberano”.

3 A HISTERIA DE EMMA E HANA COMO UM ROMPIMENTO COM OS DITAMES DA SOCIEDADE

A sociedade do século XIX, que se constituiu a partir dos ideais da burguesia, ideais estes que representam um confinamento das mulheres a um papel definido pelo casamento e pela maternidade é a mesma sociedade na qual madame Bovary é inserida por Flaubert. Porém, há em Emma um inconformismo que a impede de ajustar-se aos ditames da sociedade. Para Nobre (2012) a personagem deseja uma vida de aventuras, ao contrário da rotina entediante, que acreditava viver com um marido. Este desprovido de grandes aspirações, acomodado à profissão e à família. Emma também se frustra ao dá à luz uma menina e diante de uma vida de frustrações, sente-se impelida a atender seus anseio adulterando. Além disso, entrega-se ao consumismo, leva a família à falência e por fim, não suportando as circunstâncias que revelavam as suas limitações, comete o suicídio.

Para Nobre (2012, p.75), Flaubert utilizou sua obra para criticar os costumes burgueses da metade do século XIX. Uma sociedade que impôs um papel a mulher que só podia ser realizado com o outro, com o homem. Um papel que se restringia a maternidade e ao casamento

A sociedade que nasce com o ideal de igualdade é a também a sociedade que hierarquiza e molda comportamentos e que também nega a autonomia da mulher. De acordo com Freud (1908/1996), conforme citado por Nobre (2012, p.75) “Todos os fatores que prejudicam a vida sexual suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem ser visto como fatores patogênicos das neuroses”. E sendo assim, Nobre (2012) conclui que a sociedade pode conduzir a histeria devido ao seu modo de organização e que este fato é possível de ser identificado em Madame Bovary.

A protagonista de Meu Michel (1967) está inserida em uma sociedade da década de 50-60, porém Arnold Band, em seu ensaio “Sombreamento da crise de Identidade Israelense na Literatura Hebraica dos anos 60” (2012) revela que Hana “procura escapar da mediocridade burguesa⁷ fantasiando cenas de dominação e violência”. O mal estar cultural provoca na protagonista um comportamento estranho. Ao contrário de Emma, a estudante de

⁷ Sociedade burguesa: A primeira onda de imigração sionista para a Palestina teve início em 1881. Os primeiros imigrantes vieram principalmente da Europa Oriental e do Iêmen.

literatura busca atender seus anseios em uma esfera fora da realidade, como constata Oliveira:

A impossibilidade de realização de suas aspirações na vida cotidiana, de certo modo, levam-na a um “conformismo social”, a enquadrar seu comportamento aos ditames do meio, enquanto seu mundo interior palpita de aventura, fantasia e sexo. (...). Embora lhe tenham restado palavras para narrar sua vida, estas não são capazes de modificar o mundo nem de adequar seus desejos mais profundos aos que é socialmente aceito e que sua maior força não está somente na capacidade de narrar, mais de procurar refúgio na liberdade de seus sonhos. (OLIVEIRA 2004, p. 68),

É por meio dos sonhos que Hana se sente poderosa. Quando assume outra identidade, ela é Ivone Azulai, a princesa da cidade de Dantizig, reconhecida por seus súditos: “Eu era uma princesa. Do alto do castelo observei a vista da cidade. Uma multidão de súditos reuniram-se aos pés da torre. Levantei as duas mãos para saudá-los”. (OZ, 1968, p.90)

Para Freud (1910/1996) “O sonho (...) pode então ser descrito como realização velada de desejos reprimidos (...). A análise deste é um recurso para sondar o inconsciente”. Hana expressa através do sonho a necessidade de ser percebida e não somente isto, ser percebida como poderosa.

A negação da participação pública da mulher na sociedade israelense desde a primeira Aliá⁸ é revelada por Nancy Rozenchan (2011 p.44-46) em seu ensaio “Autoras Israelense dos primórdios até os dias atuais”. Segundo a autora, as mulheres chegaram imersas nos ideais sionistas na mesma medida que os homens, porém o registro histórico da participação destas na construção da nova nação, como há em relação aos homens, não existe. Além disso, afirma que este fato se deu não porque as mulheres não tivessem um papel de destaque, mas porque o “destaque era dado ao homem pioneiro, colonizador e fundador”. Apesar da participação da mulher na construção da nova nação os olhos da sociedade estavam fechados para reconhecer tal fato.

A autora também relata a maneira que a escritora Kahana Carmon, na década de 80 investiu em mudanças na sociedade, através de suas primeiras obras:

⁸ Aliá: é termo que designa a imigração judaica para a terra de Israel que, até 1948, correspondia ao território do Mandato Britânico da Palestina e, a partir de 1948, para o Estado de Israel.

Ao implodir mitos enganosos da cultura masculina, do amor romântico, do casamento feliz, da família como condição obrigatória para a felicidade do indivíduo (...). O mito da maternidade, um dos temas muito caros à cultura judaica, é pulverizado (ROZENCHAN, 2011, p.58-59).

Entendemos, portanto, que estão presentes na obra de Amós Oz questões relacionadas ao feminino que ainda estariam sendo confrontadas duas décadas após a publicação de seu romance.

Corroborando ainda com a constatação das mudanças sociais que ocorreram tardiamente, Birman (1999) afirma:

Nos anos 80 houve uma ruptura no campo social, no que diz respeito à obrigatoriedade da maternidade para ser “femininamente mulher”. (...) a figura da mulher passa a receber uma aura, ao ser resplandecente no seu brilho, ao assumir uma dignidade pela assunção do seu desejo. (BIRMAN, 1999, p.94).

Pelo que foi exposto até aqui podemos notar que, apesar do distanciamento das protagonistas de *Madame Bovary* (1957) e *Meu Michel* (1968), imposto pelo tempo e pelo espaço físico, ambas reagiram diante aos ideais conformadores que estabelecem um papel para a mulher na sociedade e sendo assim, Nobre (2012) identifica no romance realista de Flaubert uma consonância com as questões sociais mencionadas e a irrupção da histeria na segunda metade do século XIX.

4 O AUTOR E AS CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS DE SUA OBRA

Amos Oz, cujo nome de batismo é Amos Klausner é escritor, ativista e co-fundador do movimento “Paz Agora”. Nasceu em Jerusalém no dia 04 de maio de 1939 e faleceu no dia 28 de dezembro de 2018, aos 79 anos.

Considerado um dos intelectuais mais respeitados do Oriente Médio, Amós Oz ganhou muitos prêmios internacionais e foi indicado para o Prêmio Nobel de Literatura

Oz compõe o grupo de escritores da literatura israelense moderna, historicamente identificado como geração de Estado⁹, cuja característica literária predominante é a visão crítica e a escrita realista na qual o arquétipo do herói desaparece, os valores da vida individual transparecem e há um afastamento da narrativa sionista¹⁰.

Sua obra está publicada em mais de 40 países, sendo que o romance *Meu Michel* (1968) foi um dos primeiros livros de Oz a ter projeção internacional. O romance se passa no Ocidente e conta a história da jerosolimita chamada Hana Gonen.

A seguir, o resumo da obra, onde expomos um pouco da personalidade da protagonista e alguns dos principais eventos ocorridos na sua vida.

4.1 MEU MICHEL

A obra *Meu Michel* (1968) consiste no relato da vida da protagonista Hana Gonen, escrito por ela própria. O texto compreende o dia que conheceu Michel - seu futuro marido, o casamento, o nascimento do filho e finaliza com o relato da ocasião em que ocorreu a suposta traição por parte do seu cônjuge.

O memorial começa a ser escrito em janeiro de 1960, porém narra fatos acontecidos há dez anos, ou seja, na década de 1950: “Sou uma mulher casada e tenho trinta anos. Meu marido é o Dr. Michel Gonen, geólogo, um homem tranqüilo. Eu o amei. Encontramo-nos no Edifício Terra Santa, há dez anos atrás. Eu era aluna de primeiro ano na Universidade Hebraica quando as aulas ainda eram no Edifício Terra Santa”.

⁹ Geração de Estado:

¹⁰ Sionismo: é também chamado de nacionalismo judaico e historicamente propõe a erradicação da diáspora Judaica, com o retorno da totalidade dos judeus ao Estado de Israel.

Os escritos de Hana são finalizados em maio de 1967.

4.1.1 Necessidade de dominação

No primeiro encontro do casal, Hana lembra sua infância, da amizade com os gêmeos árabes, pondera sobre a força de Michel, relata situações que revelam tendência dominadora em sua personalidade: “Quando eu era pequena, brincava sozinha de princesa da cidade. Eu capitã e eles, meus marinheiros (...). Eu dominava os gêmeos. Este era um prazer frio, tão remoto!”. (Oz, 1968, p.12).

“Os gêmeos faziam o papel de súditos submissos (...) depois eu os dominava. Era um prazer requintado” (Oz, 1968, p.18).

Ainda no primeiro encontro amoroso, a protagonista lembra-se com frequência do falecido pai Yossef, e traz à memória suas considerações: “Meu falecido pai Yossef costumava dizer frequentemente: homens fortes podem fazer quase tudo que quiserem. Mas mesmo os mais fortes não podem escolher o que querem fazer. Eu não sou muito forte (...). Eu não sou muito forte, mas sou mais forte do que esse rapaz”. (OZ, 1968, p.12-13).

A atitude dominadora é revelada também no relacionamento com Yoram, o vizinho adolescente que freqüentava a casa da família Gonen para mostrar seus poemas a Hana. Num desses encontros a protagonista se regozija com sua capacidade de dominação: “Ele estava em minhas mãos. Eu o dominava. Podia traçar no seu rosto qualquer expressão que quisesse. (...). Havia muitos anos que não me deliciava com este jogo implacável. Por isso continuei pressionando, para saborear, em pequenos goles, a alegria que crescia dentro de mim”. (OZ, 1968,p.154).

4.1.2 Insatisfação com a condição feminina

No segundo encontro do casal, Hana mais uma vez lembra a sua infância e revela a insatisfação que nutria com a sua condição feminina: “Quando eu tinha nove anos, esperava ainda poder crescer como homem e não como mulher”. (OZ,1968, p.12).

E mais adiante pondera: “Pensava que se lutasse, subisse em árvores e lesse livros de garoto, apareceriam em meu corpo às características dos meninos e eu deixaria de ser menina. Eu achava sem graça ser menina. Mulheres adultas despertavam em mim ódio e nojo”. (OZ,1968, p.25).

4.1.3 Constante insatisfação com o outro do relacionamento

Após o casamento a rotina de Hana é mantida: pela manhã trabalha no Jardim de Infância e a tarde vai pra faculdade, até que se inaugura o incômodo com marido: “(...) nunca quis um homem selvagem. O que fiz para merecer essa desilusão? (...) Se Michel vem como se eu fosse peça frágil ou como quem, num laboratório, segura entre os dedos um tubo de vidro, por que me sinto ofendida”? (OZ,1968, p.43).

Passados três meses do casamento, Hana engravida e a relação com o cônjuge, neste período, parece piorar: “Havia uma atmosfera entre nós durante a gravidez”. (OZ,1968, p.51).

Depois do nascimento do filho Yair, os episódios em que Hana é tomada por sentimentos hostis pelo marido, são recorrentes: “Acusei-o de indiferença e insensibilidade. Eu o odiava a ponto de sentir um nó na garganta. Depois vomitava para tirá-lo do sério”. (OZ,1968,52).

Á medida que o tempo passa, a relação do casal se mostra mais afetada. Hana perde-se fugindo da realidade: “passava horas em devaneios, sentia dores, depressão e pesadelos de dia e de noite”. (OZ,1968, p.63 – 64). Até que Hana expressa seu arrependimento pelo casamento: “o que é que você achou neste homem e o que é que você sabe sobre ele”? E se algum outro homem a tivesse segurado pelo braço? (...) (OZ, 1968, p.83).

Hana considera que todos os seus dias são sempre iguais: “As coisas eram sempre iguais: palavras, a fumaça do cachimbo [de Michel], o ruído da geladeira, Michel, Hana, tudo”. (Oz, 1968, p.176), e provoca o marido com pequenas brigas. Porém, como ele não reage, sente-se frustrada e desabafa: “mesmo esta alegria Michel me tirou: não é desses que se ofendem” (OZ,1968, p.89).

4.1.4 Relacionamento com os pais

A maneira como a protagonista discorre sobre seus pais remete-nos ao “Complexo de Édipo”, que consiste o momento em que a menina volta-se ao pai, substituindo a mãe como objeto de desejo. Em relação ao pai escreve: “Eu o amei mais do que qualquer outra criatura no mundo”. (OZ,1968, p.160).

Em contrapartida, não demonstra afeto na mesma proporção pela mãe. Hana revela que a mãe ocupava um lugar pequeno em seus pensamentos: “Era a mulher do papai. Nada mais. Nas poucas vezes que levantou a voz contra papai, detestei-a. Afora isso, não lhe abri lugar em meu coração” (OZ, 1968 p.186).

4.1.5 Tia Guênia e o papel da mulher

A família de Michel, principalmente a tia chamada Guênia, não esconde a prioridade que atribui ao homem, em relação à mulher.

Duas semanas antes do casamento, o casal viaja para conhecer os pais um do outro. No primeiro contato que a personagem faz com a família do namorado, é conscientizada quanto ao valor do seu futuro marido: “Disse-me [o pai de Michel] que depositava em minhas mãos uma carga preciosa – o seu Michel”. (OZ, 1968, p.30).

Neste mesmo dia, Hana é convidada pela tia Guênia para uma conversa particular. A mesma avisa que não será tolerada pela família qualquer interrupção, por qualquer motivo, nos estudos de Michel: “Quería comunicar de uma forma muito clara e definitiva, para que não houvesse mal-entendidos, que a família não concordaria em hipótese alguma, com a interrupção de seus estudos. Isso nem entraria em cogitação”. (OZ,1968, p.32.).

Ainda em favor dos estudos de Michel, sugere o adiamento do casamento: “Vocês não poderiam adiar um pouco?” (...) eu mesma estive noiva durante seis anos (...). (OZ, 1968, p.32)

Posteriormente, depois do casamento, a notícia da gravidez de Hana também não é bem-vinda, nem por Michel e nem por sua parentela. Mais uma vez, defendendo somente os interesses do sobrinho, a tia tenta eliminar mais esta interferência nos projetos

de Michel. Um aborto é cogitado: “No mês de junho, três meses após o nosso casamento engravidei”. Michel não ficou contente quando lhe contei. (...). No dia seguinte Ela [tia Guênia] largou tudo e veio (...) tratou-me secamente (...) culpou-me de irresponsável: eu iria arruinar os esforços de Michel de progredir (...). E justo antes dos exames finais na Universidade! (...) A coisa toda é apenas uma operação de vinte minutos, coisa simples, realmente simples (...).” (OZ,1968, p.48).

O país estava passando por um período de racionamento, a situação financeira era difícil. Hana, no início da gravidez, sofre com distúrbios físicos e psíquicos e por decisão médica pára de trabalhar. Para que Michel não interrompesse os estudos a fim procurar emprego, a tia envia recurso financeiro: “Michel disse que se meu orgulho me obrigava a devolver o dinheiro, ele se prontificava a parar de estudar e procurar um emprego (...)”. respondi que não gostava da palavra orgulho e que recebia o dinheiro com gratidão”. (OZ, 1968, p.50).

Após narrar este acontecimento, Hana escreve: “Parei de assistir as aulas na Universidade. Não voltarei a estudar literatura hebraica”. (OZ, 1968, p.50)

Finalmente, em comentário sobre a tia Guênia, Hana registra uma informação reveladora que talvez justifique o afastamento da mulher da vida pública, naquela sociedade: “Tia Guênia, durante toda a vida acreditou que o papel da mulher era estimular o marido no caminho do sucesso. Somente no caso do marido fracassar, deveria a mulher se lançar pelo amargo caminho da luta, uma luta de homens num mundo de homens”. (OZ, 1968, p.103).

4.1.6 Sintomas físicos e a crise.

A saúde física e mental de Hana é afetada principalmente depois da gravidez. Ela relata que até os ruídos dos ventos soprando nas edificações do bairro onde reside, afetavam seu estado de ânimo com “a depressão que volta sempre”. (OZ, 1968, p.82).

Hana sofre com alterações físicas: varizes inchadas, manchas sob os olhos, enjôo, fadiga constante, surtos de esquecimento, vertigens, dores de cabeça constante, contrações dolorosas na garganta com perda da voz durante algumas horas. Sobre “(...) o

sofrimento psíquico pelo qual eu [Hana] estava passando” (OZ,1968, p.49), Michel relata aos seus familiares escrevendo uma carta.

Na mesma ocasião da guerra do Sinai, a protagonista narra sobre a sua pior crise. Era madrugada de outono, fazia muito frio: “(...) entre as cobertas continuei a tremer. Mas também ardia em mim uma alegria fervilhante que não sentia desde menina. Fui tomada de um júbilo febril. Eu ria e ria sem emitir som algum”. (OZ, 1968, p.131). Depois que Michel sai para trabalhar, Hana sai da cama e começa a gritar e cantar. Sentia dor e prazer. Hana se despe, mergulha na água gelada na banheira. Corre para a cama, e nua vê multidões de amigos estendendo as mãos para tocá-la. Vê os gêmeos. Vê o poeta Saul [Tchernihovski]¹¹¹. Vê um motorista de taxi. Os soldados faziam cerco a sua volta. Estão presentes também neste delírio os heróis da literatura Miguel Strogoff e Moby Dick. Hana declara em seu delírio: “Eu era de todos. Eu era Ivone Azulai”. (OZ, 1968, p.132.).

4.1.7 Consumismo

O casal deseja morar um lugar mais silencioso onde Michel pudesse desenvolver suas pesquisas como cientista, porém Hana confessa ser a responsável por não conseguirem concretizar os projetos: “Quando eu era aluna da universidade costumava vestir, durante todo o inverno, um vestido de lã (...). E agora eu enjôo dos vestidos novos após umas semanas (...). Um desejo de compras desperta em mim a cada outono. Febril e agitada percorro as lojas como se o objeto desejado me esperasse sempre na loja seguinte”. (OZ,1968, p.74).

4.1.8 Sonhos

Os sonhos da protagonista, frequentemente, são eróticos e nele estão presentes ou os amigos gêmeos, ou heróis como Miguel Strogoff e Capitão Nemo, ou homens desconhecidos, selvagens. Certa vez, sonhou estar numa ilha e ao perceber que um homem

¹¹ Saul Tchernihovski: poeta hebreu nascido na Rússia. Ele é considerado um dos grandes poetas hebreus, identificado com a poesia da natureza e como poeta muito influenciado pela cultura da Grécia antiga.

estranho a espreitava sem cessar, teve o seguinte pensamento: “Que venha vivo e agitado, que venha e me jogue no chão, penetre meu corpo gemendo e eu responderei com um grito, estarei cheia de pavor e de fascinação, medo e prazer, gritarei e arderei, sugá-lo-ei como um vampiro (...) estarei ébria na noite em que virá a mim”. (OZ, 1968, p.143).

Hana sonha também ser outra: “Eu era Ivone Azulai. Ivone Azulai, o oposto de Hana Gonen”. (OZ,1968, p.133).

4.1.9 Contexto geral – político e social

O memorial de Hana contém também algum registro do contexto social e político da década de 50 e 60. Hana fala da cidade de Jerusalém de um modo particular e melancólico: “(...) é uma cidade que transmite tristeza, mas a cada hora e cada estação do ano é um tipo diferente de tristeza” (OZ, 1968, p.54). E ainda: “(...) quem é que pode realmente sentir-se em casa aqui em Jerusalém (...) mesmo quem more aqui cem anos? (...) cidade de pátios fechados, tem alma encerrada por detrás de muros desolados salpicados de cacos de vidro. (...) É uma cidade recolhida dentro de si mesma. (OZ, 1968, p.77).

O país enfrentava uma crise política e econômica durante os últimos anos da administração civil do Mandato Britânico¹². Vivia sob o toque de recolher e o racionamento de bens de primeira necessidade. Em 1956, eclodiu a guerra do Sinai¹³. O médico que a socorreu Hana em sua crise, retorna na manhã seguinte com notícias da guerra: “os ingleses e os franceses lutarão conosco contra os muçulmanos. (...) há uma falha grave em alguns judeus: somos incapazes de odiar nossos inimigos. É alguma desordem psíquica”. (OZ, 1968, p.145).

4.1.10 Religião

¹² Mandato Britânico: foi uma entidade geopolítica sob administração britânica que foi criada com a partilha do Império Otomano após a primeira guerra Mundial que operou de 1920 a 1948.

¹³ Guerra do Sinai: também conhecida como Guerra do Suez, foi uma crise política que teve início em 29 de outubro de 1956, quando Israel, com o apoio da França e do reino Unido, que utilizavam o canal para ter acesso ao comércio Oriental, declarou guerra ao Egito. (...) A guerra em si durou apenas duas semanas e os egípcios saíram derrotados.

Muitas dúvidas relacionadas à religião¹⁴ constam no memorial de Hana. Ela fala sobre a noite de Shabat¹⁵ em família: “não costumamos acender velas Sabáticas porque Michel considera isso hipocrisia em pessoas que não optaram pelos princípios religiosos” (OZ, 1968, p.114).

Quando era criança, na casa de seu pai, a família observava o Shabat. Porém Hana acrescenta: “Meu pai não sabia até que ponto eram verdadeiros os princípios religiosos” (OZ, 1968, p.114).

O vizinho chamado Sr Glick tem dúvidas quanto à religião: “durante longos anos o Sr. Glick observava rigorosamente a religião. Depois da desventura da senhora Doba¹⁶, fora assaltado por dúvidas. Sérias dúvidas. (OZ, 1968, p.116).

O pai de Michel “Yehezkel costumava se declarar um ateu praticante” (OZ, 1968, p. 106).

O pai de Hana, antes de morrer acometido de câncer força uma espiritualidade: “Nos últimos dias (...) dera para uma espiritualidade forçada”. (OZ,1968, p. 159).

4.1.11 O fim da narrativa

A insatisfação com relação ao marido foi um dos temas predominante na narrativa. Hana confessa que em determinada ocasião, já não mais se relacionava sexualmente com Michel, mas passou a usar o corpo do marido, o que considera uma traição: “Eu fugia dele. Só me relacionei com seu corpo. (...) no meu íntimo, sabia que o traía continuamente. Com seu próprio corpo”. (OZ, 1968, P.172). Entretanto, fortes indícios de uma traição real são apresentados no último capítulo do romance. Michel estaria tendo um caso com uma amiga da faculdade e Hana mostra certa indiferença: “Deixem-me se franca: não creio que Michel tenha ido além de tímidos pensamentos e elucubrações. Não vejo motivo para Yardena ter se entregado a ele. É verdade que também não vejo motivo

¹⁴ Religião: A religião em Israel representa uma base fundamental na formação cultural e social da sociedade, além do papel central na história do país

¹⁵ Shabat é o dia de descanso dos judeus, de acordo com a Bíblia. Todas as obrigações profissionais e financeiras devem ser evitadas durante o Shabat.

¹⁶ A personagem senhora Doba teve uma súbita crise histérica e tentou agredir o marido.

algun para recusar. Mas a palavra “motivo” não tem sentido para mim. Não sei e não quero saber. Estou mais próxima do riso interior do que do ciúme”. (OZ, 1967, p.188).

5 CONEXÃO ENTRE EMMA E HANA-ASPECTOS QUE EVIDENCIAM A HISTÉRIA.

As duas personagens dialogam a partir das alterações previamente identificadas por Nobre (2012), na personagem central de Flaubert, a luz dos preceitos freudianos.

Como relatado em capítulo anterior, quando a menina não supera satisfatoriamente fase oral e fálica, posteriormente, poderá manifestar em sua vivência, principalmente durante o relacionamento conjugal, um comportamento típico, como resultado das alterações na constituição psicosexual, tal como apresentado a seguir.

5.1 O pai da histérica

Conquanto a proposta de apresentar evidência de histeria no relacionamento conjugal das protagonistas, não podemos ignorar a influência paterna na gênese do transtorno de Emma, também identificada em Hana.

Nobre (2012.p.81) relata que há indícios da rejeição do pai de Emma, quanto ao nascimento de uma menina. Para a autora a revelação do motivo da sugestão do casamento de Emma pelo pai denuncia o fato, já que o mesmo não se sentiria desgostoso por se livrar da filha “que não servia para nada em casa”p.36

Além disso, a autora considera o pai pouco interditor do desejo de incesto da filha, pois primeiro internou-a num convento e após a morte da esposa, permitiu de certa forma que ela ocupasse o lugar da mãe, permanecendo como companheira do pai.

Com relação ao pai de Hana, identificamos indícios de rejeição da condição feminina da personagem. Ela conta que o pai “colocava as coisas como se a existência de dois sexos diferentes fosse uma desarmonia, que trazia sofrimento ao mundo (...). Por fim, ele [o pai de Hana] disse que se eu se lembrasse dele nos momentos difíceis, talvez pudesse evitar tomar decisões erradas”. (OZ.1968, p.37).

Entendo que para o pai de Hana, a desarmonia é causada pelo sexo feminino, já que aconselha a filha a pensar nele para evitar tomar decisões erradas.

5.2 Depressão como consequência da imposição realidade

Emma, em todo o tempo, não se conforma com as limitações do marido, se arrepende do casamento e se deprime. Além disso, a intolerância com os próprios limites também a deprime. O fato de ser uma mulher provinciana a incomodava e vemos isso nos capítulos iniciais. Enquanto se divertia num baile da alta sociedade, ela sentiu-se como uma aristocrata. Por isso, aguardou um novo convite para outro baile, porém como isso não aconteceu, deprimiu-se.

Para Nobre (2012) a exigência da realidade, que pode representar a aceitação de seus limites e de sua própria castração, pode ser a causa da depressão na vida de Emma.

Hana expressa sua frustração em relação ao marido, repetidas vezes. Assim como Emma, arrepende-se do casamento e deprime-se com frequência.

5.3 O desejo de possuir um pênis

Em Emma o desejo de ter um pênis não está explícito, porém há indícios de tal desejo na sua vontade de dar a luz um filho homem. Emma além de declarar a sua expectativa quanto ao nascimento de um varão escolhe, antecipadamente, somente um nome masculino. Porém, nasce a menina Berta.

Nobre (2012, p.85) relata que Freud, em suas postulações afirma que ao dar a luz a um filho homem, a mãe pode encontrar uma satisfação substituta ao antigo desejo de possuir um pênis. Porém, não foi assim com Hana. Ao dar a luz a um menino, mostrou-se indiferente ao fato. Parecia até, em determinados momentos, não sentir afeto pela criança, a ponto de chamá-lo de malvado, quando ainda era um bebê. Em contrapartida, ao lembrar-se de sua infância, durante o primeiro encontro amoroso com Michel, ela desabafa sobre a maneira como se comportava na infância (por volta dos nove anos) no afã de ver desenvolver em si mesma as características de menino.

5.4 A constante insatisfação com o outro do relacionamento

Emma, como já mencionado, expressa a todo o momento sua insatisfação com o marido

Nobre relata que Freud (1918) fala das consequências que a fixação nos objetos¹⁷ incestuosos pode trazer a mulher e uma delas é justamente a constante insatisfação com o outro da relação. Isto acontece porque a diferença anatômica sexual entre o casal reforça a idéia de que falta algo para a histérica, ou seja, de que ela é castrada (o que ela não tolera). Sendo assim, demonstra insatisfação constante com o homem do seu relacionamento, passa a rivalizar com ele e não se entrega amorosamente.

Nobre (2012, p.89) lembra que apesar dos esforços do segundo amante em agradar Emma, ela mostra-se insatisfeita: “ele era incapaz de heroísmo, fraco, banal, mais brando que uma mulher e, além disso, avarento e pusilânime. Depois acalmando-se, acabou por pensar que talvez o tivesse caluniado. Mas o denegirmos o que amamos sempre nos desliga deles um pouco”

Hana expressa um incômodo crônico com relação ao temperamento tranqüilo e equilibrado de Michel, mantido em qualquer circunstancia. Mesmo ao ser convocado para a guerra, mantém-se numa postura grave e solene. Hana reage: “Quando será que esse homem perderá o controle? Vê-lo uma vez em pânico, frenético, selvagem” (OZ.1968, p.138).

¹⁷ Objeto: pode ser encarado sob três aspectos em psicologia, porém aqui consideramos o aspecto correlativo da pulsão, ou seja, aquilo em que e por que a pulsão procura um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasístico. Laplanche e Pontalis (2004, p.321).

(...) O incesto e seu interdito não mais se reduzem a um ato específico, que tampouco precisa ser realizado, efetivado na realidade. Aliás, na maior parte dos casos, as tentativas de efetivá-lo se dão por condutas simbólicas. Essa lei então se refere ao fato de que numa dada cultura existe sempre pelo menos, alguma coisa, um objeto que antes de ser proibido é, sobretudo, impossível de ser alcançado. Isso pode variar conforme a cultura. A proibição pode cair sobre objetos diversos. Mas a figura que melhor encarna poderia denominá-la de A Mãe; isso se A Mãe é idêntica, é equivalente ao desejo primordial que acolhe uma criança quando de sua entrada no mundo, portanto trata-se, esse desejo, de seu primeiro objeto. Daí podemos igualmente dizer que o primeiro objeto infantil é o de se fazer objeto em face de esse desejo. Admitindo isso podemos então definir o incesto como uma tentativa de fazer Um, um só com esse objeto.

5.5 Desejo de fundir-se a uma figura superior

Após ser abandonada pelo primeiro amante, Emma passa a dedicar-se a religiosidade.

Ainda com relação às consequências da fixação em objeto incestuosos por Freud, Nobre (2012, p.89), considera que o desejo de fundir-se a uma figura hiperidealizada esta associada à histeria, já que salvaria Emma da condição de inferiorizada. Para a autora, Emma desejou fundir-se a uma figura superior a qualquer amante que poderia se relacionar.

Vale ressaltar que Nobre (2012) também concorda que, o fundir-se com uma figura que a histérica induz se sentir fracassado, também a salva da condição de inferioridade.

Percebemos que Hana revela seu distanciamento do marido “somos dois e não um” e também manifesta o desejo de fundir-se a uma figura superior: no mundo dos sonhos, tem relações sexuais com o herói Capitão Nemo. (OZ.1968, p.189).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação das duas personagens colocou à vista eventuais alterações na constituição psicosexual das mesmas, bem como alguns aspectos comuns que evidenciam a histeria, sustentados pela teoria psicanalítica de Freud. Sendo assim, consideramos Hana Gonen uma bovarista.

Madame Bovary - obra do naturalismo apresenta sua protagonista com um comportamento que pretende retratar a interferência do meio em sua vida. Dessa maneira, a histeria de Emma foi tomada como o reflexo da sociedade na qual esta inserida.

A personagem Hana revela sim, por meio de seu transtorno, a influência de uma sociedade no aflorar das suas manifestações históricas, porém consideramos haver matizes no reflexo da sociedade israelense das décadas de 50-60 exibido pelo seu transtorno, visto que a linguagem do modernismo é despreziosa, não retrata, mas simboliza, insinua ou apenas sugere.

REFERÊNCIAS

- BAND, Arnold - *Sombreamento da “crise de identidade” israelense na literatura hebraica dos anos 60* - in Cadernos de língua e literatura hebraica / publicação do curso de Pós-Graduação de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica –FFLCH – USP, São Paulo, n.1 – 1998 p. 163 – 17.
- BIRMAN, Joel – *Cartografia do feminino*. São Paulo: Ed.34, 1999.
- FLAUBERT, Gustave - *Madame Bovary* /: [tradução de Araújo Nabuco]. São Paulo: Martin Claret, 2003. 396p.
- FREUD, Sigmund – *A organização genital infantil*. – uma interpolação na teoria da sexualidade. ESB, XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996
- FREUD, Sigmund - *Sexualidade Feminilidade*. ESB, XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund – *Cinco lições de psicanálise*. ESB, XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund – *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. ESB, IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- NASIO, J.D – *A histeria* - Teoria clínica e psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. 172p.
- NOBRE, Thalita Lacerda - *Histeria – Uma análise freudiana de Madame Bovary* /./ Curitiba: Juruá, 2012. 102p
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. – *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fonte, 2004.552p.
- OLIVEIRA, Leopoldo O. C. de - *O Sr. Mani, A.B. Yehoshua* – Considerações sobre a identidade judaico-israelense. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 136p. (Coleção Judaica).
- OZ, Amós - *Meu Michel* /: [tradução de Rifka Berezin, Sônia Boguchwal e Nora Rosenfeld]. São Paulo: Summus, 1982. 190p.
- WALDMAN, Berta; KIRSCHBAUM, Saul – *Ensaio sobre literatura israelense contemporânea* – (Org.). São Paulo: Humanitas, 2011. 253p.
- AMOS OZ – *Grupo companhia das letras*. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <[https:// WWW.companhiadasletras.com.br](https://WWW.companhiadasletras.com.br)> acesso em 01 nov. 2019.